



reflexão

A ancestralidade brasileira: caldeirão de complexidades e caudal de empatia estética

POR **RICARDO CARVALHO**

“As obras de Arte exercem sobre mim um poderoso efeito”

Sigmund FREUD

A ancestralidade brasileira pode ser concebida por um mix muito singular de povos e culturas, fruto de um processo sócio-histórico que envolve encontros e desencontros, embates, fusões e amalgamentos de Seres: os povos indígenas, os africanos escravizados, os colonizadores europeus e, posteriormente, os imigrantes de diversas partes do mundo ocidental

e oriental vindos em grandes quantidades, muitas vezes oriundos de guerras, devastações e fome em seus lugares de origem.

O “Eiro” de Brasileiro designa e quer dizer fazedor-empendedor-maker-artífice, sugerindo um “certo Homo Laborans” que veio fazer e faz a Terra Brasilis acontecer e ser o maior “cadinho multicultural” do mundo.

Este mosaico cultural criou a(s) identidade(s) deste caldeirão de complexidades – marca incontestada da pluralidade do Povo Brasileiro, onde as origens étnicas e culturais se entrelaçam, se mesclam e determinam as tradições, os costumes e a própria formação da sociedade brasileira.

A partir de estudos do DNA do brasileiro se constatou que a mitocôndria do povo é a mais “misturada” do mundo, o que se traduz por um registro genético altamente diversificado que, sem dúvida, produz nossa etno-bio-cultura com tantas faces e matizes em miscigenação e fluxos gênicos.

Antes da chegada dos colonizadores europeus no século XVI, o território que aqui se encontrou, na língua indígena, era nomeado de Tekoá, hoje correspondente ao Brasil, cujo nome em sua etimologia refere-se à tinta vermelha, extraída da árvore Pau Brasil (extinta) que serviria para tinturaria nobre europeia.

Este imenso território era habitado por milhões de indígenas, organizados em diferentes etnias e com uma rica diversidade cultural. Estima-se que cerca de 1.000 a 2.000 línguas – hoje reduzidas a 274 línguas faladas por 305 etnias, totalizando 1 milhão e 700 mil indígenas diferentes – eram faladas entre esses povos, que possuíam formas próprias de organização social, crenças religiosas, sistemas de subsistência e conhecimento sobre a fauna e a flora.

Os povos indígenas deixaram uma marca profunda na cultura brasileira, especialmente na língua, na culinária, nas práticas agrícolas e na medicina tradicional. Muitas palavras de origem indígena ainda estão presentes no vocabulário cotidiano do Brasil, como “pipoca”, “mandioca”, “caju” e “tapioca”. Além disso, as técnicas de cultivo de plantas nativas, como o milho, a mandioca e o feijão, foram incorporadas à agricultura brasileira desde os primórdios da colonização.

No entanto, a colonização europeia trouxe consigo a exploração dos territórios indígenas, a imposição de novas religiões e o extermínio de muitas etnias. Esse processo violento de subjugação e a consequente aculturação forçada não apagaram totalmente a presença

indígena no Brasil contemporâneo. Hoje, estima-se que há cerca de 305 grupos indígenas no país, e suas culturas continuam a influenciar a identidade nacional e a luta por reconhecimento e direitos.

Estes povos originários foram a matriz cultural encontrada pelo Movimento Modernista onde, na década de 20, o *Manifesto Antropólogo*, de Mario de Andrade, nos propõe a assunção de nossas raízes, a “*canabalização*” do estrangeiro (que reproduzíamos culturalmente) e a produção reinventada da alma brasileira, cuja obra artística máxima está no *Abaporu* (canibal em tupi-guarani) de Tarsila do Amaral. Podemos afirmar que a arte antecipa a realidade e assim abre-se um Brasil original e autêntico e doravante, cioso de suas raízes antes relegadas em função da primazia europeia cultuada pelas elites deste país gigante pela própria natureza.

Outro componente matricial fundamental da ancestralidade brasileira é a presença africana, introduzida de maneira violenta através do tráfico de escravizados durante o período colonial. Estima-se que cerca de 4,8 milhões de africanos foram trazidos ao Brasil entre os séculos XVI e XIX, principalmente das regiões que hoje correspondem a Angola, Moçambique, Congo e Costa da Mina (Benin, Nigéria, Togo).

A contribuição africana para a formação cultural brasileira é vasta e se manifesta em vários aspectos da vida cotidiana, como a música, a dança, a culinária, a religião e a linguagem. O samba, a capoeira, o candomblé e a umbanda são apenas alguns exemplos de tradições culturais afro-brasileiras tombadas pelo como nosso Patrimônio Histórico Material e Imaterial (IPHAN), que se tornaram parte integrante da identidade da alma nacional brasileira, como a pintura corporal indígena e a capoeira. Além disso, a culinária brasileira também reflete essa herança africana, com pratos como o acarajé (patrimônio cultural), a feijoada e o vatapá, que são hoje considerados símbolos da gastronomia do país.

A escravização desses povos, no entanto, deixou cicatrizes profundas na sociedade e sobretudo nas populações afrodescendentes de forma específica, que apesar do avanço no quadro jurídico legal, continuam a enfrentar discriminação e exclusão social. A luta contra o racismo e a busca por igualdade de oportunidades fazem parte da herança desse período, e a conscientização sobre a contribuição africana para a cultura brasileira é fundamental para o reconhecimento da pluralidade de raízes que compõem o Brasil.

Uma revisão histórica deve enfatizar a verdadeira história de autodeterminação desses povos. Isso inclui o reconhecimento de sua nobreza, do aprimoramento técnico e estético (a

vocação para a beleza, como bem destacava o antropólogo Darcy Ribeiro) e de sua grandeza de alma, manifestada em comportamentos de saudabilidade consigo mesmos, com o outro, com o meio e com a natureza – da qual não se separam, pois são parte integrante. Assim, de maneira orgânica, constituem um único organismo vivo, interligado de forma sistêmica.

Pode-se afirmar que esses povos originários e ancestrais sempre foram e continuam sendo a própria prática do ESG (Environmental, Social, and Governance).

Aqui quero me referir a uma capacidade de perceber o outro como igual e valoroso, o que doravante nomearemos como “Empatia Estética”.

Empatia do grego - Em+Patheia= Pathus= Paixão: capacidade psicológica de se colocar no lugar do outro. Ou seja, é a sociabilidade e os “modos de afazeres coletivos”. Trata-se de uma Inteligência Coletiva muito desejável neste “*Zeitgeist*”, onde o espírito da época é marcado pelo individualismo narcisista e predatório “*by myselfie*” num mundo digital cada vez mais distanciado pela presença (real) do outro.

O conceito de “Empatia Estética” foi desenvolvido por Abby Warburg no século XIX, com base no pressuposto – e em sua experiência vivencial e empírica – de que uma obra de arte representa para o nosso cérebro algo equivalente a uma pessoa viva. Por assim dizer, nós – seres humanos – nos relacionamos como uma obra de arte como se estivéssemos nos relacionando com as pessoas. Isso não tem possibilidade de acontecer com a I.A – Inteligência Artificial.

O sistema límbico/emocional no nosso cérebro (mais potente e irrigado no lado direito cerebral) cria, portanto, uma emoção, tanto diante de uma obra de arte como diante de uma pessoa. A obra de arte “se espelha” (como os neurônios-espelho) para nós como uma pessoa viva, nos despertando emoções e sentimentos diversos.

A Arte “esculpe” nosso cérebro e modifica seu funcionamento, reforçando os circuitos apropriados das células nervosas para nos permitir “ver e sentir” (o outro). Uma obra de arte é um ato de criação. É como criar um *outro* (como obra de arte). Nesta neuroplastia cerebral, os “neurônios espelhos” nos incitam à interação empática (Empatia Estética) com o outro.

Estética significa em grego *aesthesis* = sensibilidade. A Empatia Estética é, em outros termos, a, capacidade de sermos sensíveis ao outro numa relação (Re+ Laço). Neste sentido, também, o artista francês Nicolas Bourriaud (Escola Belas Artes, Paris) nos propõe uma *Estética Relacional*: que compreende sua essência no diálogo com o outro, nas potencialidades do cotidiano e do ordinário, não produzindo objetos, mas sim acontecimentos.

Estar diante de uma obra de Arte faz “cócegas” no nosso cérebro, produz novos circuitos cerebrais e o sistema do prazer é estimulado (excitado). Nesse contexto auspicioso, são liberados os hormônios do bem-estar – os preciosos neurotransmissores das interações humanas: dopamina, serotonina e ocitocina. Esses hormônios, entre outros efeitos benéficos, promovem confiança, generosidade e empatia – ingredientes que, infelizmente, parecem faltar em muitos líderes mundiais da atualidade.

Com este poder de desenvolver nossa Empatia com o semelhante (e mesmo nos curar de traumatismos), a arte aumenta nossa Imunidade Biológica e nossa Humanidade Existencial, segundo a OMS – Organização Mundial de Saúde/ONU – Report.2019, a partir das pesquisas de Pierre Lemarquis neurologista e etnólogo – Universidade de Toulon).

Sim, a Arte nos cura do isolamento social e potencializa a saúde, também nos reafirma Allain de Botton (Seneca Productions/ School of Life), autor do belo livro *A arte como terapia*.

Somos, no Brasil, uma nação de indivíduos que trabalham com o coração, como assinala Sérgio Buarque de Holanda em seu epistolar livro *O homem cordial*, onde pontifica: “O Brasileiro pratica uma ética de fundo afetivo”.

E também somos considerados como uma espécie de *Elo Relacional*, como se soubéssemos transitar, sem muitos constrangimentos em zonas de indeterminação. (DaMatta em “O que faz o Brasil, Brasil)

O **Comunialismo** na obra *O Novo Iluminismo*, de Stephan Pinker (Harvard), fala-nos também de uma inteligência coletiva de base relacional presente nos povos originários, como os nossos indígenas. Nesta mesma linha, Marcel Mauss, antropólogo francês pioneiro dos estudos étnico-culturais, nos chamou atenção para esta dimensão relacional presente nos povos originários. Em seu exímio “*Paradigma da dádiva*”, fala-nos do resultado da sua imersão na cultura dos povos originários ancestrais, onde o “Laço Social” é a base da relação econômica e social

Os europeus, principalmente os portugueses, foram os primeiros colonizadores do Brasil, estabelecendo sua presença a partir do ano 1500. A colonização trouxe consigo a introdução da língua portuguesa, do catolicismo e de uma estrutura de poder baseada no sistema de exploração dos recursos naturais e expropriação do outro. Ou seja, invisibilidade e desaparecimento dos diferentes. Os europeus, principalmente os portugueses, foram os primeiros colonizadores do Brasil, estabelecendo sua presença a partir do ano 1500. A colonização

trouxe consigo a introdução da língua portuguesa, do catolicismo e de uma estrutura de poder baseada na exploração dos recursos naturais e na expropriação do outro, promovendo a invisibilização e o desaparecimento das diferenças culturais e étnicas. Além de Portugal, outros grupos europeus, como espanhóis, italianos, alemães, franceses e holandeses, também desempenharam papéis na formação histórica do país.

A colonização europeia teve um impacto profundo na organização social, política e econômica do Brasil, mas também, além dos recursos naturais, expropriaram obras artes sagradas para estes povos originários e ancestrais. Celebremos o resgate destas obras neste novo momento de revisão histórica. Estas obras de arte, como o famoso manto Tupinambá, não são apenas obras de artes, são “verdadeiros” artefatos sagrados” produtores de cura, como nos alertou o cacique Tupinambá ao receber o Manto Sagrado que estava “expatriado” na Dinamarca.

A alegria empática expansiva e receptiva do povo brasileiro é reconhecida internacionalmente. Nossa forma de ser – a brasilidade – faz com que o ‘estrangeiro’ se sinta em casa, ou seja, sinta-se brasileiro, diferentemente dos movimentos xenófobos e anti-empáticos espalhados pelo mundo, que se fragmentam e expulsam seus habitantes de suas casas – oca, em tupi-guarani.

A Bienal de Veneza, a mais importante do mundo, tem pela primeira vez um curador brasileiro e, por sua vez, o Pavilhão do Brasil contou com curadores dos povos originários e ancestrais. O tema geral é “Foreigners Everywhere”, Estrangeiros em Todos os Lugares. Com efeito, desde a aparição do Hominídeo Terrestre, o mundo passa por intensos fluxos migratórios gênicos, o que nos faz estrangeiros – queiramos ou não, desde a primeira diáspora do nômade primordial.

Sentir Empatia é uma estética, pois todo “outro” deve ser considerado uma obra de arte. Por isso, nossa “estrangeira” condição é escancarada em Veneza nesta “Bienal do Estrangeiro”.

Cabe-nos, no entanto, internalizar nossa ancestralidade e expressões estéticas-relacionais empáticas para nos sentirmos diante do outro e com outro como se estivéssemos na nossa própria casa e dentro da maior casa de todos nós: o Planeta Terra – Gaia, nossa mãe. E só então seremos empáticos com o Planeta e cuidaremos dele como se fosse (e o é) uma obra de arte suprema para nós e para aqueles que ainda estão por vir. Legado é a palavra de ordem neste segundo milênio.

A ancestralidade brasileira é uma das mais ricas e diversas do mundo, resultado de séculos de encontros e desencontros entre povos de diferentes origens. No entanto, essa herança como legado só se concretizará se nos reconhecermos, como em um neurônio-espelho, nesse caldeirão de múltiplas complexidades, conforme pontuou o imortal escritor indígena Ailton Krenak.

E através de sua Empatia Estética, a nação celebrar sua pluralidade multicolorida e miscigenada, percebendo o outro como igual, mas ao mesmo tempo singular e ímpar.

A valorização da ancestralidade brasileira é fundamental para a construção de uma identidade nacional que respeite e inclua todas as suas partes constituintes. Somente a partir desse reconhecimento será possível construir uma sociedade mais justa, igualitária e feliz, onde as contribuições dos vários saberes, dos modos de fazer e expressões artísticas técnico-estéticas de todos os grupos e matizes que formam o Brasil sejam devidamente reconhecidas e celebradas.

RICARDO CARVALHO é professor Associado da FDC. Pós-Doutor – Art for Management – Reims Management School. Doutor em Psicossociologia – Sorbonne Paris 7. Mestre em Psicologia – UFMG e Conservatório de Artes e Ofícios de Paris. Especialista em Gestão Pública – Fundação João Pinheiro.